

Eleições

Novatos brigam por gabinetes no Congresso

Parlamentares disputam salas e apartamentos, negociados em troca da manutenção de funcionários ou da mudança dos que não se reelegiram

MARA BERGAMASCHI
e CLÁUDIA CARNEIRO

BRASÍLIA — Faltam mais de três meses para a posse, mas os cerca de 270 novos deputados e senadores eleitos já começaram a peregrinar pelos corredores do Congresso. Mais do que conhecer o novo ambiente de trabalho, os caçouros passaram a semana atrás de algo precioso: um bom gabinete, de preferência perto ao elevador, e um amplo apartamento funcional.

O mercado de troca de gabinetes e imóveis está em plena atividade. Como toda mercadoria valorizada, tem ágio. Em troca de um confortável local de trabalho para os próxi-

mos quatro anos, alguns novatos se comprometem a manter no emprego funcionários do antecessor. Outros aceitam pagar a mudança do parlamentar que volta para seu Estado, em troca do apartamento que ocupava em Brasília.

A disputa pelos gabinetes no Congresso é tão feroz que levou o Senado a baixar uma resolução na última quinta-feira. Cansada de arbitrar as brigas entre os pretendentes, a mesa diretora instituiu o sorteio como critério para distribuição das salas. "As negociações paralelas não vão valer, todo mundo terá de entregar as chaves", diz o diretor de Relações Públicas do Senado, João Orlando Barbosa Gonçalves.

O primeiro senador eleito a conhecer as novas regras foi Roberto Requião (PMDB-PR). Na semana passada, ele visitou o primeiro-secretário, Júlio Campos (PFL-MT), em busca de informações sobre gabinetes. Recebeu a cópia da resolução. Apesar da decisão do Senado, os acordos para o troca-troca não foram interrompidos. O gabinete do presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, com localização privilegiada para o plenário e o estacionamento, é um dos mais cobiçados.

O senador eleito José Serra (PSDB-SP), companheiro de legenda e amigo de Cardoso, encabeça a lista de candidatos ao lugar. Outro tucano que tem mantido o cerco aos gabinetes é Artur da Távola: ele quer o de Mário Covas, um dos mais amplos do Senado. Também eleita pelo Rio, Benedita da Silva (PT) constrangeu o senador Nélson Carneiro (PMDB-RJ), que não se reele-

ceu, ao sugerir a rápida desocupação de seu gabinete no Senado.

Na Câmara, Benedita protagonizou outra cena politicamente incorreta: ao receber o pedido de reserva

de gabinete feita pela deputada eleita Maria da Conceição Tavares (PT-SP), Benedita impôs à colega que mantivesse seus funcionários. Ao que tudo indica, Conceição não aceitou a proposta: ela vai ocupar o gabinete de Aloízio

Mercadante (PT-SP). Outra petista, a sexóloga Marta Suplicy (SP), não gostou dos gabinetes do Anexo 3, que não têm banheiro particular, e deve ficar com o de José Dirceu.

O ágio e o favorecimento aos amigos são assumidos abertamente. "Normalmente, a gente fica com al-

guns funcionários", diz o deputado Everaldo de Oliveira (PFL-SE). Segundo ele, toda os cinco novos deputados eleitos por seu Estado "já se ajeitaram" na Câmara.

O deputado eleito Antônio Kandir (PSDB-SP) pediu ajuda a uma amiga, que sondou o colega tucano Sigmaringa Seixas (DF) sobre seu apartamento funcional. O gabinete de Sigmaringa também já foi alvo de interesse. O go-

vernador eleito de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB), pediu a ele que alojasse um amigo. "Normalmente, o pessoal do Norte e do Nordeste aproveita funcionários dos gabinetes", diz Sigmaringa. O líder do PMDB na Câmara, Tarésio Delgado (MG), que não conseguiu se eleger

QUEM CONSEGUIR, QUE SE ACOMODE

senador, procura um companheiro de partido para manter empregados seus auxiliares.

Apesar da concorrência do diretor-geral da Câmara, Adelmar Sabino, não está disposto a seguir o exemplo do Senado. "Quem conseguir, que se acomode", ensina. A prática na Câmara tem mostrado que os mais ingênuos não têm vez. Ao assumir seu primeiro mandato em 1986, o deputado mineiro Elias Murad (PTB), foi enganado duas vezes. Primeiro, não pôde usar a chave do gabinete que lhe reservaram, porque chegou tarde e outro parlamentar já trocara a fechadura. Depois de conseguir outra sala em frente ao elevador, foi convencido a cedê-la ao deputado França Teixeira (PMDB-BA), que se dizia "acidentado". Foi parar no final do corredor. Na semana seguinte, depurou-se com o "accidentado" em plena forma no plenário.